

Nuno Costa Santos

Céu Nublado com Boas Abertas

Não se fatigue demasiado



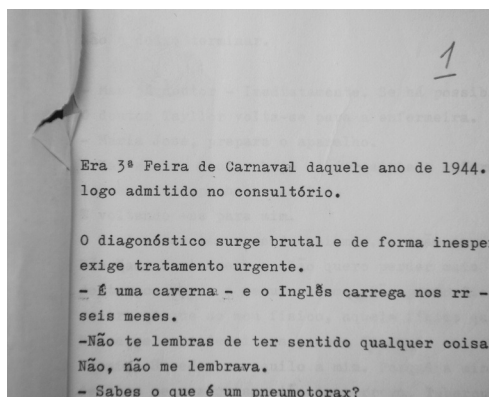
CASA DOS MEUS AVÓS MATERNOS, bairro lisboeta da Estefânia, defronte de uma fotografia a preto e branco do casal em pose de estúdio. Cada um a olhar na sua direcção. A minha avó sorri de uma forma meiga e juvenil, como o faz ainda aos seus noventa e poucos anos. Olhos meigos, sorriso doce e aberto. O meu avô também sorri. Mas o seu sorriso é outro. Oblíquo, sem revelar os dentes.



Estou sentado na poltrona onde o meu avô se costumava sentar e onde, com cinco, seis, sete anos, o vi várias vezes, acompanhado de uma garrafa de oxigénio comprida e estreita de onde saíam tubos que se ligavam às suas narinas. Um homem doente.

Baixo a cabeça e volto a olhar para um livro que escreveu sobre a sua vida. Folheio-o. Estão lá os episódios de que fui sabendo, em escassas pistas verbais. Acabo de encontrá-lo, é uma revelação. Sabia do interesse do meu avô pela literatura, desconhecia o seu gesto de contar a sua história com um tom que parece procurar o pormenor dos factos mas também fazer uso dos artifícios da invenção literária.

São vários volumes, alguns dactilografados, outros escritos à mão, além de dossiês e cadernos com anotações dispersas em letra miudinha. Encontrei-os quando fazia uma revista aos livros das estantes como quem faz a revista a um exército de soldados ao qual já ninguém liga.



O primeiro volume abre desta forma: *Era 3.^a Feira de Carnaval daquele ano de 1944. A sala de espera está vazia. Sou logo admitido no consultório. O diagnóstico surge brutal e de forma inesperada: uma lesão no pulmão esquerdo, exige tratamento urgente.*

– É uma caverna – e o inglês carrega nos rr – que já deve ter pelo menos uns seis meses.

– Não te lembras de ter sentido qualquer coisa? – inquiriu.

Não, não me lembrava.

– *Sabes o que é um pneumotórax?*

O meu avô sabia. Ou pelo menos tinha a ideia de que consistia numa imobilização artificial do pulmão, usada no tratamento de lesões de certa gravidade.

– *É o tratamento que se aplica no teu caso – afirma, peremptório, o médico.*

– *Conheces a Elmira Roma?*

– *Sim. Conheço.*

– *E o Francisco Taveira?*

– *Também conheço.*

– *Fizeram esse tratamento e estão curados – esclarece o Dr. Tayllor. – O Taveira ainda o faz, mas já está curado e a trabalhar. Quando queres iniciá-lo? – acrescenta.*

O início da história do combate entre João Pereira da Costa e a sua doença. E também, percebo nos parágrafos a seguir, o princípio de uma zanga com o médico que o atendeu, cirurgião inglês que havia passado a infância na cidade da Horta onde o pai dirigia uma companhia de cabos submarinos e fora viver para a ilha de São Miguel com a mulher, também ela médica.

Preciso de toda a minha força para me controlar. Uma revolta súbita, impetuosa quer irromper dentro de mim. Mas como? Então o meu estado é assim tão grave? Porque foram necessários dois meses para diagnosticar uma caverna (palavra horrível) que à radiografia exigia de imediato um tratamento de pneumotórax?

Era a urgência em reagir ao *traíçoeiro* ataque a um físico de que se orgulhava. Pronunciar a palavra *tuberculoso* já contaminava o ar. Seria sempre, no máximo, um ex-tuberculoso ou um tuberculoso em potência.

Ao saber da notícia, recordou Eugénia, uma amiga da freguesia que, afectada pela mesma doença, sobrevivera durante

uns meses, pálida, magra, transparente, febril. A mãe era a única pessoa que se aproximava dela. Não conseguia ter empregadas ou quem lhe lavasse a roupa. Nem os vizinhos se chegavam. Nem a irmã casada e muito menos o seu rancho de filhos.

Um dia a mãe trouxe-lhe uma castanha cozida e descascada. Não tinha apetite. Começou a comer num esforço visível para vencer a repugnância que lhe causava a comida e engasgou-se. Tossiu e apelou com os olhos aflitos para o meu avô.

Corri e, sustendo-a por debaixo dos braços, levantei-a um pouco e sentei-a na cama, aconchegando-lhe as almofadas. Estava toda transpirada e trémula, a pobrezinha.

Logo que abandonava a amiga tomava um duche, mudava de roupa e desinfectava-se com álcool. Não lhe era fácil controlar o medo, que entendia como uma traição à amizade.

Eugénia morreu pouco tempo depois. Ficaram as saudades e os remorsos. A mesma culpa surgiu quando, depois de ter cumprimentado com um aperto de mão um homem chegado do Caramulo, tuberculoso na laringe, muito rouco, se dirigiu à primeira farmácia para desinfectar a mão.

Ao saber da notícia, um amigo da família sugeriu uma receita de curandeiros, muito procurados nas zonas de São Miguel sem acesso fácil aos hospitais: petróleo. Umas gotas de petróleo, tomadas com açúcar, iriam curá-lo. Citava um exemplo, de Manuel Bento. *Vinte anos depois estava vivo e são na Achada para o confirmar.*

Seis meses antes encontrava-se, com saúde, imobilizado na parte oriental da ilha e fora por esse mesmo facto que passara pela aldeia onde agonizava Eugénia. Há pouco mais de seis meses tinha sido inspeccionado, numa operação de rotina, pelo médico do regimento.

– *Vocês, os furriéis, estão em muito melhor forma que os soldados.*

Um cumprimento ao seu físico e um orgulho para os seus vinte e seis anos.

Mas agora subitamente dava-me conta... Já naquela altura começava a sentir qualquer coisa que me desgostava.

Vinham-lhe à memória os momentos em que arfava nas subidas e comentava com os soldados de vinte anos que a idade começava a pesar-lhe. Tentou encontrar as origens da doença numa triste enumeração de causas prováveis no quartelamento que habitara durante a tropa.



Fora desterrado para a Lagoa das Furnas para substituir um colega que tinha morrido. Mais tarde seria informado de que a causa da morte fora uma tuberculose galopante.

E eu fui utilizar a cama, os lençóis, os cobertores dele, sem qualquer desinfecção.

A doença encontrara o melhor dos ninhos.

Aquele quarto bolorento de humidade, o vento pelas frinchas da telha vã, as noites dormidas nas sapas, a comida intragável do rancheiro, a aldeã lúbrica e insaciável que se metia no quarto. Tudo isso e o tédio e a ânsia de regresso à vida civil.



Fecho o livro. Volto a olhar para a estante. Nenhum dos livros bate continência. E são muitos. Livros de História, biografias, romances, defesas teóricas do socialismo, ideologia na qual o meu avô acreditava, incentivado pelas desigualdades sociais da terra onde se fizera.

Coloco os volumes dentro da mochila e, nesse movimento, cai um papel na alcatifa.

Apanho-o e leio-o:

se tiver um descendente que se interesse pela escrita, peça-lhe para ir a São Miguel e trazer no regresso um conjunto de histórias do presente da ilha.

Abaixo, um conselho:

Mas não se fatigue demasiado. Que viva a vida que não conseguí viver.

Mais nada.

Pedido lacónico, herança inesperada esta de fazer de narrador de alguns episódios actuais de uma ilha dos Açores.

Olho para uma fotografia dele. Está de boné, com a cara fechada, mais fechada do que na fotografia com a minha avó. Cresce-me o sentimento de gratidão por me ter revelado uma biblioteca que define em grande parte aquilo que faço e sou. De empatia pelo que sofreu e registou em estilo romanesco num livro que nunca chegou a editar.

Tomo a decisão ao atravessar o corredor de livros que me leva à porta do apartamento.

Vou corresponder ao seu pedido.